

Liberdade: Reflexões sobre o Ensino das Ditaduras Chilena (1973-1990) e Argentina (1976-1983) no Contexto Escolar

Alice Ribeiro DIAS¹
Giovanna de Oliveira TEPERINO²
Maria Eduarda Leite VERAS³

Resumo: Liberdade é uma palavra constantemente presente em nosso cotidiano, seja no meio social ou político. No entanto, seu significado pode ser diferente dependendo do contexto em que é empregada. Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar a abordagem do conceito de liberdade no ensino de História, especificamente como ele é discutido no conteúdo das ditaduras latino-americanas chilena e argentina. Para isso, é utilizado uma abordagem metodológica qualitativa baseada em entrevistas feitas com professores do ensino básico, buscando compreender como o conceito de liberdade aparece ou interfere no dia a dia da sala de aula. Ao mesmo tempo, investigamos como as ditaduras mencionadas são abordadas durante as aulas.

Palavras-chave: Ensino de História, ditaduras latino-americanas, liberdade.

¹ Graduanda em História pela Universidade Federal Fluminense. UFF. Niterói. RJ. Brasil. LATTES: <http://lattes.cnpq.br/3926058297435722>. E-mail: diasalice@id.uff.br.

² Mestranda em História Social no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense. Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Federal Fluminense. UFF. Niterói. RJ. Brasil. LATTES: <http://lattes.cnpq.br/5143159217074669>. E-mail: giovannateperino@id.uff.br.

³ Graduanda em História pela Universidade Federal Fluminense. UFF. Niterói. RJ. Brasil. LATTES: <http://lattes.cnpq.br/7103011778904143>. E-mail: mariaveras@id.uff.br.

Freedom: Reflections on the Teaching of the Chilean (1973-1990) and Argentine (1976-1983) Dictatorships in the School Context

Abstract: Freedom is a word constantly present in our daily lives, whether in social or political contexts. However, its meaning can vary depending on the context in which it is employed. That said, this article aims to analyze the approach to the concept of freedom in teaching History, specifically as it is discussed in the topic of the Chilean and Argentinean Latin American dictatorships. For this purpose, a qualitative methodological approach is used, taken from interviews with primary school teachers. The main goal was to understand how this concept appears or interferes in the daily life of the classroom. At the same time, we seek to address how dictatorships are covered during classes.

Keywords: History Teaching, latinamerican dictatorships, freedom.

Introdução

*En la miseria
Tráenos tu reino de justicia
E igualdad
Sopla como el viento la flor de la quebrada
Limpia como el fuego el cañon de mi fusil (JARRA, 1969)*

Esse artigo faz parte de um estudo comparativo mais amplo desenvolvido pelo Programa de Educação Tutorial⁴ (PET) do curso de História da Universidade Federal Fluminense (UFF) que tem como objetivo analisar como o conceito de liberdade vem sendo trabalhado em diferentes temas históricos presentes nos planejamentos do Ensino Fundamental. Com esse intuito, o grupo foi dividido em seis, conforme os conteúdos escolhidos, dentre esses temas estão: ditaduras latino-americanas, ditadura brasileira, revolução francesa, independência dos EUA, guerras coloniais e colonialismo na África nos séculos XIX e XX. Para o desenvolvimento desta pesquisa foram feitas, por cada grupo, entrevistas com 10 professores da rede pública e particular da cidade de Niterói e regiões próximas, procurando compreender de que forma o conceito de liberdade é trabalhado em sala de aula.

Neste artigo optamos pelo conteúdo das experiências ditatoriais do Chile (1973 e 1990) e da Argentina (1976 a 1983). As discussões em torno das ditaduras latino-americanas no ensino fundamental estão previstas para acontecer durante o período letivo do 9º ano, dentre as diversas possibilidades de abordagem e desdobramentos desse assunto existe o debate sobre o conceito de liberdade no período referente.

Na tentativa de buscar qual o conceito de liberdade, propomos, inicialmente, compreender o contexto em que ele está inserido, levando em conta que conceito é mutável, podendo variar dependendo da época e dos grupos que está inserido.

Durante a segunda metade do século XX emergiu na América Latina, especialmente em países do Cone Sul, governos autoritários liderados, principalmente, por Forças Militares. Estabelecidas em período de Guerra Fria⁵, onde grande parte do

⁴O PET é um programa do Governo Federal Brasileiro, financiado pelo Ministério de Educação (MEC) e Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE). Ele tem como intuito desenvolver projetos que integram ensino, pesquisa e extensão durante o período da graduação por meio de grupos de estudantes com a tutoria de um docente.

⁵ Entende-se por Guerra Fria o momento em que as relações geopolíticas entre Estados Unidos e União Soviética estavam mais tensionadas, impactando os países alinhados a essas potências. O marco para

globo estava polarizado entre dois ideais - genericamente, esquerda e direita - alguns governos de direita utilizaram como justificativa o medo comunista para implementar um golpe. Esses regimes tinham, dentre diversas características, o uso sistemático da violência de Estado como prática cotidiana contra aqueles que nomeavam “subversivos” ou inimigos do governo⁶. Se instauram, assim, as Ditaduras.

O conceito de ditadura é complexo e tem sido debatido por diversos teóricos ao longo do tempo. Em termos gerais, uma ditadura é caracterizada pela concentração de poder nas mãos de um indivíduo ou grupo restrito, a ausência de eleições livres e justas, e a repressão das liberdades individuais e dos direitos humanos.

Norberto Bobbio, dentro do livro "Dicionário de Política"⁷ (2004), define a ditadura moderna por suas características essenciais que refletem a natureza não-democrática dos regimes políticos contemporâneos. Segundo Bobbio, uma ditadura é marcada pela concentração e pelo caráter ilimitado do poder, onde a autoridade é exercida de forma absoluta por um grupo restrito, sem os mecanismos de controle e balanceamento presentes nas democracias. Além disso, as condições políticas ambientais em uma ditadura são caracterizadas pela exclusão de amplos segmentos da população da política e pela ausência de soberania popular. A precariedade das regras de sucessão do poder também é uma característica importante, levando a mudanças abruptas e instáveis na liderança⁸.

No contexto latino-americano, especialmente nas décadas de 1960 a 1980, a definição de Bobbio se aplica particularmente às ditaduras militares que marcaram a história da região. Esses regimes, que emergiram frequentemente em contextos de instabilidade e crise, concentravam o poder nas mãos das forças armadas. O

início desse período pode ser definido com o lançamento da Doutrina Truman em 1947 e o fim corresponde à dissolução da URSS, em 1991. Para uma discussão mais aprofundada sobre o tema, ver FIELD JR., Thomas C.; KREPP, Stella; PETTINÀ, Vanni (Org.). *Latin America and the Global Cold War*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2022 e WESTAD, Odd Arne. *The Global Cold War: Third World Intervention and the Making of Our Times*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

⁶ Uma das políticas de terror mais conhecidas desse contexto foi a Operação Condor, que pode ser melhor entendida em QUADRAT, Samantha Viz. Operação Condor: o “Mercosul” do terror. *Estudos Ibero-Americanos*, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 167–182, 2002. DOI: 10.15448/1980-864X.2002.1.23793. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/iberoamericana/article/view/23793>. Acesso em: 7 ago. 2024.

⁷ BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. 11ª edição. Brasília: Editora UnB, 1998.

⁸ BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Op.Cit.* p. 372-373.

recrutamento da elite dominante vinha do próprio exército, resultando em uma estrutura política altamente militarizada. A justificativa para esses regimes geralmente envolvia a promessa de restaurar a ordem e combater a corrupção, mas frequentemente levou à repressão severa e à limitação das liberdades políticas.

Governos ditatoriais, como os de Augusto Pinochet no Chile e da Junta Militar na Argentina, seguiram um padrão similar. Ambos foram impostos por meio de um golpe comandado pelo setor militar. Também conseguimos observar que tanto no Chile, quanto na Argentina, o poder foi concentrado nas mãos de um líder ou de uma junta militar, eliminando a separação de poderes e centralizando as decisões políticas e administrativas. Houve, também, um uso sistemático da violência e da repressão para eliminar a oposição política e social. Isso incluiu desaparecimentos forçados, tortura, assassinatos e prisões arbitrárias. O objetivo era silenciar qualquer forma de dissidência e manter o controle total sobre a população. Muitos desses regimes usaram a ideologia para justificar suas ações e também suspenderam o sistema de eleições livres. Tais regimes não apenas buscaram manter o controle político, mas também implementar mudanças sociais e econômicas que favorecessem suas agendas autoritárias e neoliberais.

Nesse contexto, a disputa pela liberdade, em seus mais variados sentidos, também estava presente. Desde a liberdade de expressão, a liberdade de ir e vir, e também a liberdade individual entraram em pauta em um momento de cerceamento e constantes disputas. Para falar sobre esse tema temos que ter um norte bem definido e entender: liberdade de quem e para quem? A liberdade deve ser individual ou coletiva? Quais são os seus limites? Os questionamentos são inúmeros e as respostas incertas, contudo, diferentes grupos sociais e políticos apresentam caminhos possíveis para se pensar o tema, e é sobre esses possíveis caminhos e diversos entendimentos que vamos nos debruçar.

A inclusão do conceito de liberdade no contexto das ditaduras na América Latina representa um desafio significativo no ambiente escolar contemporâneo. Apesar das diretrizes estabelecidas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018), de acordo com as competências “Descrever e analisar as experiências ditatoriais na América Latina, seus procedimentos e vínculos com o poder, em nível nacional e

internacional, e a atuação de movimentos de contestação às ditaduras.”(BRASIL, 2018, p.433)⁹e “Comparar as características dos regimes ditatoriais latino-americanos, com especial atenção para a censura política, a opressão e o uso da força, bem como para as reformas econômicas e sociais e seus impactos.”(BRASIL, 2018, p.433)¹⁰, para a abordagem desse tema no ensino fundamental e médio, sua efetiva implementação e discussão em sala de aula permanecem em questão.

É fundamental, ainda, refletir sobre as implicações de se pensar um passado tão recente como o da Ditadura Militar, tanto no contexto brasileiro, como nos demais casos latino-americanos. Nesses casos, a memória se torna uma questão central, uma vez que esse tema carrega consigo os debates públicos e as pré-concepções dos alunos, como lembra Juarez Dayrell, apesar de ainda manter o monopólio da cultura acadêmica, a escola perdeu o monopólio cultural, com uma concorrência cada vez maior da cultura de massas e da circulação social de informações. (DUBET, 2006).

Sendo assim, teóricos da educação apontam para a importância de utilizar dessas memórias durante as aulas, não apenas como forma de corrigir noções distorcidas, mas principalmente como forma de engajar os alunos nas discussões.¹¹ Diante disso, nossa pesquisa se propôs a analisar a viabilidade e as limitações de abordar o conceito de liberdade dentro do contexto de ensino de história sobre as ditaduras latino-americanas na rede básica de ensino. Para isso, utilizamos como principal fonte entrevistas com professores de diferentes escolas, tanto públicas quanto privadas, procurando compreender como e se esse tema está sendo trabalhado, e como o conceito de liberdade se encaixa durante a prática de ensino-aprendizagem. Ao analisar as experiências dos professores, tentamos contribuir para um maior entendimento das dinâmicas do ensino sobre as ditaduras e conceitos trabalhados.

Caso Chileno

Antes de adentrarmos para o debate sobre quais pensamentos de liberdade estavam circulando na sociedade, é preciso entender o que estava acontecendo nessa

⁹ Competência EF09HI29.

¹⁰ Competência EF09HI30.

¹¹Para uma discussão mais aprofundada: CERRI, L. F. (org.). *O ensino de história e a ditadura militar*. 2. ed. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2003.

época. No início dos anos 70 o socialista Salvador Allende venceu a eleição presidencial do Chile a partir de uma coalizão de partidos de esquerda conhecida como Unidade Popular¹². Durante seu governo, Allende propôs diversas políticas de mudança na estrutura do Estado com o intuito de fazer uma transição do sistema capitalista para o socialista, projeto este denominado de “via chilena ao socialismo”. Tal programa levava em conta o processo histórico do país bem como da sociedade, ou seja, foi pensado a partir das especificidades locais. Para implementação do socialismo foi pensado um plano de governo onde houve a criação de uma nova ordem institucional: o Estado Popular. Para isso ser posto em prática teria que seguir o Programa básico de governo da Unidade Popular¹³. Ademais, era previsto que nesse novo modelo de governo “o povo e os trabalhadores teriam o real exercício do poder, através da Assembleia do Povo (órgão superior de poder) e da incorporação massiva do povo no poder estatal.” (BORGES, 2007, p.2)

Diante das investidas de Allende para a via socialista, o lado ocidental se sente ameaçado. Então, com ideais liberais e desenvolvimento de pensamentos neoliberais pelos pensadores e pesquisadores econômicos da Universidade de Chicago, como Milton Friedman, o Departamento de Estado dos EUA inicia uma oferta de bolsas aos universitários chilenos. Esse projeto tinha como intuito levar esses jovens para estudarem o modelo econômico de livre mercado com Friedman. Este intercâmbio ocorreu entre a Universidade de Chicago e a Universidade Católica do Chile. Assim, grande número de chilenos aprendeu sobre essa nova doutrina e retornam ao seu país natal com as ideias neoliberais. Em outras palavras, os EUA financiam um intercâmbio de ideias com intuito de frear as políticas socialistas do governo chileno.

Durante este momento de disputa ideológicas e anticomunismo, os EUA junto com uma parcela da direita chilena estavam insatisfeitos com o governo allendista, organizam-se para tentar conter o avanço socialista no Chile. A primeira tentativa de golpe de Estado, mal sucedida, ocorreu no dia 29 de julho de 1973. No entanto, no dia

¹²Faziam parte desta coalizão o Partido Comunista (PC), Partido Socialista (PS), Partido Radical (PR), Movimiento de Acción Popular Unitário (MAPU), Izquierda Cristiana (IC) e Acción Popular Independente (API).

¹³ Este programa previa a “nacionalização dos grandes monopólios, a realização da reforma agrária e de medidas sociais nas áreas da educação, saúde, cultura, etc. Seria criada a Área de Propriedade Social (APS) formada pelos setores nacionalizados do setor mineiro, bancário, comerciário e empresas de distribuição.” (BORGES, 2007, p.2).

11 de setembro de 1973, Augusto José Ramón Pinochet Ugarte, mais conhecido como general Pinochet, e seus aliados invadem o Palácio Presidencial e instauram o golpe. Esse ato marca a instauração de um regime autoritário que estabeleceu uma nova ordem sociopolítica e econômica de orientação neoliberal.

A ditadura chilena (1973-1990) ficou marcada pelo seu forte aparato repressivo, isso inclui cerceamento de direitos, censura e repressão política, com prisões arbitrárias, torturas, desaparecimentos e assassinatos de opositores que fossem considerados uma ameaça ao regime. Esses tipos de práticas mudaram também a lógica de como a liberdade se apresentava para a sociedade, em outras palavras, a liberdade se reduziu a liberdade de mercado, as oposições foram caladas, a cultura perseguida e a população amedrontada. A liberdade, nesse contexto, tomou uma nova forma traduzida em liberalismo econômico.

Para analisar a situação do ideal de liberdade dos opositores à ditadura chilena, é preciso pensar como essas ideias apareciam para esse grupo. A Unidade Popular, como apresentada anteriormente, foi uma união de partidos da esquerda chilena que se juntaram para eleger a principal liderança política, que foi Salvador Allende. Assumindo em 1970, Allende representou o projeto de implantação do socialismo através da via democrática, que se tornou uma característica muito forte da “experiência chilena”, se diferenciando de movimentos que se pautavam pela revolução para atingir o socialismo. Para o governo de Allende, a democracia era um ponto fundamental até mesmo para o “desenvolvimento” ao ponto desejado e com isso a liberdade política era um elemento intrínseco ao modelo adotado.

Nesse período, nota-se tal liberdade devido ao sentimento de festa (MOULIAN, 2006, p. 35)¹⁴ que o governo do Unidade Popular proporcionou à população, que passou a se envolver e mobilizar mais, como aponta o cientista político chileno Tomás Moulian.

Chile, fue, entre 1970 y 1973, una sociedad movilizada, dinámica, en La cual muchos individuos se vivían como actores Del proceso histórico. Fue una sociedad donde era posible expresar se com libertad, pero también una sociedad plagada de conflictos

¹⁴Tomás Moulian interpreta o governo de Salvador Allende (1970-1973) como dois momentos, sendo eles “fiesta y drama”.

gatillados por las acciones del gobierno, por ende, fue un país atravesado pela pasión. (MOULIAN, 1998, p.33)

A liberdade se via em uma espécie de esperança que chegava para os chilenos com o novo governo em contraponto com momentos anteriores que não se aproximavam tanto da sociedade como fez a UP com Allende.

No contexto Latino Americano, falar de liberdade significa tratar também do neoliberalismo e a liberdade individual, principalmente se tratando da ditadura chilena, que foi fortemente marcada pela política liberal dos Chicago Boys, o grupo de economistas chilenos que estudou na Universidade de Chicago, orientado sobretudo por Milton Friedman. Inúmeros trabalhos não só de Friedman, mas de outros importantes nomes do neoliberalismo como Friedrich August von Hayek tem a liberdade como tema central, contudo, que liberdade?

Em uma de suas mais conhecidas obras intitulada “Os Fundamentos da Liberdade”, Hayek inicia definindo o que para ele, e de certa forma para o pensamento liberal, seria a liberdade. O autor entende a liberdade como a ausência de coerção de um homem sobre o outro, isto é, a independência da vontade arbitrária do outro sobre suas ações. Para definir o conceito o autor vai citar também o que, na sua visão, não é a liberdade, fazendo uma distinção entre *a* liberdade e *as* liberdades, entendendo estas como pequenas “regalias” dentro de uma realidade de opressão. Dentre essas liberdades ele cita a liberdade política, a liberdade nacional, entre outras, entendendo que essas “liberdades coletivas” seriam prejudiciais, pois “limitariam” ou “reduziriam” a vontade do indivíduo, e portanto, seriam também uma forma de coerção.

Para Hayek, Friedman, os Chicago Boys, e toda a teoria do pensamento liberal, a liberdade significa liberdade individual. Ainda em “Os Fundamentos da Liberdade” o autor aponta os cinco pilares para se alcançar essa liberdade, sendo eles: todos os indivíduos serem cidadãos sujeitos às mesmas leis; nenhum indivíduo poder ser preso arbitrariamente; liberdade de ir e vir; liberdade na escolha de sua atividade laboral; e liberdade de possuir e adquirir propriedades (HAYEK, 1983, p.51-52), considerando que com todos esses elementos assegurados não haveria coerção.

No contexto de ditadura chilena toda essa teoria liberal ganha traços muito particulares, visto que, como poucos países do mundo, o Chile, a partir do golpe de

1973, adotou rapidamente uma série de medidas econômicas liberais que deram praticamente uma carta branca para a atuação da iniciativa privada no país. Essa ação econômica, que também é política, mesmo que Friedman e seus discípulos insistissem em negar, não só deixou o povo chileno em uma situação extremamente precária com insegurança alimentar, desemprego e no final de 1975 uma inflação anual de 341% (LETELIER, 1976), como também deflagra uma enorme contradição. Friedman escreve em “Capitalismo e Liberdade” sobre a estreita ligação entre o neoliberalismo e formas de governo democrático, logo, como explicar seu apoio na construção da economia de um país que explicitamente violava os direitos humanos?

As vezes que Friedman, além de outros economistas e atores internacionais, apoiadores do modelo econômico liberal chileno, foram questionados acerca da violência e repressão de Pinochet, as respostas seguiam a mesma linha: "lamentamos o estado político do país, contudo, felicitamos a liberdade econômica".

Dentro de um modelo onde a pequena burguesia nacional chilena pode enriquecer e receber de volta terras que haviam sido redistribuídas com a reforma agrária, e recomprar empresas que haviam sido estatizadas durante o governo de Allende, em nome da liberdade individual e do livre mercado, milhares de chilenos foram presos, mortos e assassinados em uma das mais violentas ditaduras da América Latina.

Caso Argentino

Assim como o Chile, a Argentina também passou por um período conturbado e violento devido um governo golpista e autoritário liderado por militares com apoio de parcela de civis. A década de 1970 foi um período complexo na história da Argentina, caracterizado por uma profunda crise política, econômica e social. Durante esse tempo, o país enfrentava uma intensa agitação política, com manifestações de diversos setores da sociedade, incluindo grupos de esquerda e sindicatos, insatisfeitos com a situação política e econômica. A presença de movimentos revolucionários armados e a fragmentação do governo peronista liderado por María Estela Martínez de Perón, popularmente conhecida como Isabelita Perón, contribuíram para a instabilidade política.

A inserção da Argentina em um contexto mundial bipolarizado pela Guerra Fria também desempenhou um papel significativo nesse processo de enfraquecimento do governo peronista. Discursos radicais ganharam força, o que proporcionou uma oportunidade para os militares e seus apoiadores avançarem sobre o país. Diante disso, em 1975, utilizando o discurso de guerra anti-subversiva, o comandante chefe do exército, general Jorge Rafael Videla, pressionava o governo com uma mensagem em tom de ameaça, dizendo que era preciso “purificar a imoralidade e corrupção” no país (NOVARO; PALERMO, 2007, p.24). Com isso, em 24 de março de 1976, as forças militares e de elite promoveram a invasão dos edifícios do governo e do congresso, consolidando sua tomada de poder que culminou no golpe de Estado. Para liderar o país formou-se uma Junta Militar composta pelos comandantes das Forças Armadas, Jorge Rafael Videla, Emilio Eduardo Massera e Orlando Ramón Agosti, que autodenominou o golpe como "Processo de Reorganização Nacional".

No entanto, as alegações da Junta Militar de que o golpe visava restabelecer a ordem, reorganizar as instituições e criar condições para uma democracia autêntica foram contestadas por diversos grupos da sociedade. O período que se seguiu ao golpe foi marcado por uma das fases mais violentas da história argentina, com inúmeras violações dos direitos humanos, perseguições políticas e desaparecimentos forçados. Segundo o Professor Torcuato S. Di Tella (DI TELLA, 1998, p.369-370), o regime militar argentino tinha como um de seus objetivos consolidar alterações substanciais nas estruturas internas do país. Para alcançar esse fim, os líderes militares recorreram à força repressora do Estado, visando suprimir a oposição, particularmente os sindicatos e os movimentos guerrilheiros. Com a violência do Estado legitimada ocorreu a criação de diversos centros clandestinos de detenção¹⁵ espalhados por todo país, utilizados para alocar, torturar e matar presos políticos. Também era uma prática recorrente deste regime o sequestro de crianças como também maternidades clandestinas onde os bebês eram retirados à força de sua mãe e distribuídos entre famílias militares e civis.

¹⁵Dados Ministério de Justiça e Direitos Humanos do país já identificou cerca de 800 centros. A partir desta página também é possível ver um mapa com os Centros de Detenção e outros lugares ilegais utilizados pelos militares para repressão. Cf: <https://www.argentina.gob.ar/derechoshumanos/sitiosdememoria/centrosclandestinos>. Acesso: 18. fev. 2024.

De acordo com os registros da Comissão Nacional sobre o Desaparecimento de Pessoas (CONADEP), é calculado que mais de 30 mil indivíduos foram vítimas da brutalidade exercida pelo aparato repressivo do Estado durante o período do regime militar na Argentina e 8.960 que continuam desaparecidas (CONADEP, 1984). Esses números representam uma tragédia e refletem a gravidade dos abusos de direitos humanos perpetrados durante o período ditatorial da história do país. Todo esse aparato repressor representa como o Estado lidava com quem era considerado subversivo, assim, a liberdade, de determinado grupo da sociedade, em suas diversas manifestações foi sendo cerceada.

Esta ditadura foi, como dito acima, caracterizada por uma intensa repressão política que atingiu níveis alarmantes de violência. Sob o pretexto de combater a subversão e o comunismo, o regime militar impôs um estado de terror que reprimia as liberdades individuais e coletivas dos cidadãos argentinos considerados inimigos do governo. Nesse contexto de cerceamento, a liberdade de expressão foi restringida. A censura foi imposta em parcelas da sociedade, desde a imprensa até as manifestações culturais, com o objetivo de controlar a disseminação de ideias consideradas subversivas pelo regime. Jornalistas, escritores, artistas e intelectuais foram perseguidos, presos e, em muitos casos, desapareceram, vítimas do aparato repressivo do Estado.

Além disso, a ditadura argentina também reprimiu violentamente qualquer forma de organização social que questionasse ou desafiasse a autoridade do regime. Sindicatos, organizações estudantis, grupos de direitos humanos e até mesmo comunidades religiosas foram alvo de repressão, com prisões arbitrárias, tortura e assassinato sendo táticas comuns utilizadas pelo governo militar para silenciar qualquer forma de discordância.

Nesse ambiente de medo e opressão, a busca pela liberdade tornou-se um ato de resistência e coragem para muitos argentinos. Movimentos de resistência clandestina surgiram, lutando pela defesa dos direitos humanos e pela restauração da democracia. Mulheres, em particular, desempenharam um papel significativo nessa luta. Um grande exemplo disso, são as *Madres da Plaza de Mayo* que se organizavam exigindo informações sobre seus filhos desaparecidos e denunciando as atrocidades cometidas

pelo regime. Uma grande característica desta organização foram as marchas, as *madres* e *abuelas* protestavam contra o regime militar marchando em volta da pirâmide central da praça, visto que a reunião de pessoas estava proibida (QUADRAT, 2002, p.116).

Mesmo com esforços do regime ditatorial para silenciar qualquer forma de oposição, a luta pela liberdade e pela justiça permaneceu, fazendo com que os militares fossem perdendo força. A tentativa de recuperar um território nas ilhas Malvinas em 1982, pela busca de legitimação do regime, acarretou num conflito bélico contra o Reino Unido, onde a Argentina saiu derrotada, agravando a crise interna do regime militar. Além disso, a permanente pressão da sociedade civil e de grupos internacionais em prol dos Direitos Humanos que reivindicavam, sobretudo, pela memória, verdade e justiça sobre os presos e desaparecidos políticos, fez com que o governo militar não se sustentasse. Assim, com intensas pressões, o governo militar foi forçado a convocar eleições democráticas em 1983, resultando na transição para o restabelecimento da democracia na Argentina.

Observa-se que ambas ditaduras tinham características similares, como a utilização da violência e o cerceamento de liberdades. No entanto, mesmo que possamos abordar esses processos históricos como ditaduras latino-americanas, demonstrando que as duas fizeram parte de um contexto maior, reconhecemos a necessidade de compreender as particularidades de cada país. E, ainda sim, percebemos que o conceito de liberdade permeia constantemente as discussões acerca do período ditatorial. Diante deste panorama, o próximo estágio deste estudo consistiu em investigar de que forma esse conceito, tão falado, aparece durante as aulas sobre ditadura chilena e Argentina no Ensino Fundamental.

Resultado das entrevistas

Ao entrevistar os professores que se dispuseram a participar da pesquisa proposta, foram destacadas perguntas que direcionam para uma análise qualitativa sobre como se desenvolvem os conteúdos citados. Quando questionados sobre quais os conceitos eles acham fundamentais para iniciar as discussões verificou-se a importância de conceituar “ditadura” e “democracia” com os alunos, visto que foi uma resposta recorrente. Esses pontos são essenciais linhas de partida, como se percebe na

justificativa de um dos docentes¹⁶ entrevistados: “para começar o conceito de ditadura, ainda mais num tempo como o nosso, em que a gente tem muita produção de conteúdo online, nas redes sociais, e que muitas experiências são chamadas de ditadura por vários grupos, várias linhas de pensamento”¹⁷.

Em uma segunda pergunta, buscou-se entender se existe o debate sobre o conceito de liberdade em sala de aula e as respostas, em sua maioria, foram positivas, porém percebe-se que acontece de forma indireta. Iniciar com os conceitos de ditadura e democracia, visto que esses são comumente abordados, é uma forma de introduzir o conceito de liberdade como um elemento de diferenciação entre os dois modelos de governo, pois coloca em perspectiva tanto o cerceamento quanto os direitos que garantem principalmente as liberdades políticas, a liberdade de expressão e a liberdade econômica. Um dos entrevistados aponta:

não faz sentido eu falar sobre ditadura e não tem como ele [o aluno] entender o que é uma ditadura sem eu conceituar liberdade e mostrar os diferentes conceitos de liberdade. Porque, enfim, né? A ditadura, ela tem a supressão de liberdades e a gente tem que definir em que sentido, aí você está falando liberdade, em que sentido a gente classifica essa supressão de liberdade também¹⁸.

Além do ponto apresentado, outro que se destaca é a intensa necessidade, por parte do professor, de abordar a questão do neoliberalismo, principalmente quando o assunto é o regime ditatorial do Chile.

[...] a questão de como o Chile vai ter uma ditadura que argumenta que está defendendo a liberdade econômica ao mesmo tempo que está suprimindo liberdade política, direitos sociais. Então, até contrastar com essa liberdade, ela precisa e deve ser qualificada, né? Liberdade não é um conceito abstrato, genérico. Não é uma liberdade platônica e tal. É uma liberdade concreta. Liberdade de fazer o que? Liberdade de se manifestar? Liberdade de ter acesso aos direitos? De ter acesso a uma vida plena, realizada numa sociedade? Então, assim, essa é uma discussão que aparece, mas mais direcionada para essa questão prática da liberdade política, da liberdade econômica, né¹⁹?

¹⁶ O nome dos professores foi omitido para preservar sua identidade.

¹⁷ PROFESSOR 3, entrevista concedida em 11/09/2023, entrevista número 3, 39 minutos, arquivo mp4. Entrevistadoras Alice Dias, Giovanna Teperino e Maria Eduarda Veras.

¹⁸ PROFESSOR 2, entrevista concedida em 01/09/2023, entrevista número 2, 12 minutos, arquivo mp4. Entrevistadoras Alice Dias, Giovanna Teperino e Maria Eduarda Veras.

¹⁹ PROFESSOR 1, entrevista concedida em 29/08/2023, entrevista número 1, 16 minutos, arquivo mp4. Entrevistadoras Alice Dias, Giovanna Teperino e Maria Eduarda Veras.

O neoliberalismo enquanto sistema econômico prevê a atuação mínima do Estado no mercado em defesa de uma economia livre para se auto-regular através da ação de empresas privadas, que assumem a prestação de serviços e o oferecimento de produtos que deveriam caber ao Estado. Esse modelo implica em uma lógica que prega o individualismo em detrimento das liberdades coletivas. Tendo isso em mente, enxerga-se uma preocupação por parte dos entrevistados em expor as contradições do neoliberalismo para os alunos no momento em que se trabalha com as ditaduras latino-americanas, e o caso chileno se destaca justamente por ter sido um laboratório desse sistema na América Latina, projetado pelos Estados Unidos atrelado ao contexto da Guerra Fria, com as disputas ideológicas entre capitalismo e socialismo. Um dos entrevistados relatou sua vivência apresentando esses conteúdos

Por exemplo, hoje mesmo, tratando com eles sobre essa entrada no cenário de Guerra Fria, é... Falar como esses impactos desse cenário global chegaram no circuito da América, né? É... E colocaram em xeque essas estruturas de governo que a gente tinha aqui na América. E fizeram surgir esses modelos de governo alinhados com a lógica do capital americano e tudo mais. Ou seja, esse desdobramento desse cenário de Guerra Fria é o que acaba tendo o meu ponto central, né? É... Então, assim... De algum modo, essa discussão vai ficar margeando esse ponto mais central aí pra mim. Cara, a minha expectativa é que, de algum modo, eles consigam fazer esse link, né? Entre a desconstrução das liberdades democráticas frente ao interesse de um capital global em choque²⁰.

Um elemento em comum que se identifica, entre os aspectos gerais da forma como os professores abordam as ditaduras do Chile e da Argentina, é a constante comparação com a Ditadura Militar brasileira, como estratégia para englobar os referentes conteúdos no calendário letivo.

É possível perceber, a partir das conversas com os professores, a existência de camadas mais complexas sobre o conceito de liberdade, que podem assumir tanto um sentido mais concreto, como no caso do neoliberalismo econômico, como também permear uma discussão mais subjetiva e, possivelmente, filosófica. Nota-se, como mencionado por diferentes entrevistados, que as ditaduras latino-americanas não ocupam um lugar de prioridade dentro dos conteúdos programados para o ano letivo,

²⁰ PROFESSOR 5, entrevista concedida em 15/09/2023, entrevista número 5, 15 minutos, arquivo mp4. Entrevistadoras Alice Dias, Giovanna Teperino e Maria Eduarda Veras.

logo, a rápida discussão sobre liberdade nesses contextos raramente consegue entrar nesse espaço mais etéreo, considerando também que se trata do circuito do ensino fundamental. Contudo, ao longo das entrevistas, foi possível perceber que há repertório entre os professores para abordar diferentes facetas desse mesmo conceito, ligado também às experiências ditatoriais.

Uma das perguntas feitas aos entrevistados foi: “Qual é a diferença entre a noção de liberdade no contexto das ditaduras latino-americanas do século XX e no contexto atual?”. É interessante perceber a diversidade das respostas que, ao mesmo tempo, convergem em temas similares e evidenciam a potencialidade do debate. Temas recorrentes nas respostas foram o contexto geopolítico e a ausência de democracia durante as ditaduras o que, evidentemente, caracterizavam um período de cerceamento de liberdades para grupos específicos, contudo, as respostas iam além e, nesse sentido, caminhavam para diferentes discussões que poderiam se dar em sala de aula, caso houvesse tempo hábil. Um dos entrevistados logo pontuou a questão da impossibilidade de se fazer uma distinção entre “liberdade nas ditaduras” e “liberdade atualmente”, uma vez que - como já constatado - não há apenas uma ideia de liberdade em nenhum dos dois casos, e seu significado é alterado dependendo dos interesses do grupo social analisado.

Primeira coisa que não existia um conceito de liberdade no contexto das ditaduras latino-americanas, não. Existiam vários conceitos diferentes. Dependendo do grupo que você está trabalhando, dependendo da questão que você está vendo, há muita diferença entre o conceito de liberdade. Um grupo revolucionário, tem uma visão. Um grupo que está ali. Um grupo mais ligado à área cultural, provavelmente, vai ter uma outra visão. Só para pegar dois aí. Mesmo aqueles que patrocinaram os golpes e fizeram isso em nome da liberdade²¹.

Seguindo a mesma linha, outros professores pontuaram essas múltiplas possibilidades de liberdade e como a variação de seu significado tem ligação com o período histórico, reconhecendo, portanto, sua historicidade, mas principalmente com os interesses de quem evoca o conceito. Outro entrevistado trouxe uma reflexão importante acerca da liberdade no contexto brasileiro dos últimos anos, afirmando que, no ínterim

²¹ PROFESSOR 3, entrevista concedida em 11/09/2023, entrevista número 3, 39 minutos, arquivo mp4. Entrevistadoras Alice Dias, Giovanna Teperino e Maria Eduarda Veras.

de 2018 a 2022 a mesma noção de liberdade que era usada na ditadura apresentou-se em nossa sociedade, por grupos que reivindicavam a "liberdade de cercear a liberdade".

Obviamente tem algumas alterações por causa do cenário contemporâneo que é um pouco diferente, mas um elemento fundamental é um elemento de crise, uma crise que vai motivar determinados grupos a reivindicar a restauração de uma sociedade. Para restaurar essa suposta sociedade vai se implementar uma reivindicação por uma liberdade. Uma liberdade que obviamente é marcada, como foi lá atrás nas ditaduras latino-americanas, por um cerceamento da contestação, do diálogo, do debate (...) da perseguição a qualquer crítica que fugisse daquele modelo determinado. Então, é bem próximo, né²²?

Pode-se relacionar a isso outra questão abordada por diferentes professores: a relação entre liberdade e tecnologia, em especial o uso das redes sociais, que é um assunto muito atual, mas que também dialoga com elementos ditatoriais como a censura e a liberdade de expressão. Os entrevistados afirmaram como, atualmente, algumas fontes informais de informação e a evocação de uma "liberdade de expressão absoluta" complexificam a discussão acerca do conceito, e nos fazem questionar ideias como liberdade individual e responsabilidade coletiva. Contudo, considerando o contexto de sala de aula, os professores precisam fazer recortes e, na maioria dos casos, por mais ricos que sejam esses debates, uma possível recepção negativa por parte dos pais e da escola, bem como um cronograma apertado, podem fazer com que professores optem por não explorar essas áreas.

Ainda sobre as proximidades e diferenças do conceito de liberdade atualmente e no contexto das ditaduras latino-americanas o tema do neoliberalismo e da liberdade de consumo apareceu novamente. Como apontado por um professor, o caso chileno dos Chicago Boys e sua experiência neoliberal estabelece o início de uma cultura econômica e de consumo que vai marcar muito a América Latina e que se faz presente até hoje.

Em um âmbito social, um professor mencionou também a liberdade contemporânea em relação a pessoas LGBTQIA+, constatando como, atualmente, se conquistou um espaço muito maior e mais livre em comparação com o período das ditaduras, que estrangulava o debate e a liberdade de grupos minoritários.

²² PROFESSOR 6, entrevista concedida em 15/09/2023, entrevista número 6, 13 minutos, arquivo mp4. Entrevistadoras Alice Dias, Giovanna Teperino e Maria Eduarda Veras.

Seguindo a conversa, foi perguntado aos entrevistados o que, para eles, significava liberdade e, de forma quase unânime, a ideia de pensar numa liberdade coletiva e social resume as respostas.

A liberdade individual, ela deve ser adequada, não é a ideia de cercear a liberdade individual, mas ela tem que ser adequada, porque ela tem que respeitar a liberdade do coletivo, da sociedade. (...) Então, eu acho que essa liberdade tem que se adequar a um interesse que é maior, que é o interesse social. O indivíduo não pode ser mais importante do que a sociedade. Mas ele tem que ter as condições para exercer o que lhe interessa, desde que não haja contra o bem coletivo²³.

Para alguns, o Estado desempenha um papel fundamental de assegurar necessidades básicas para que os indivíduos tenham a liberdade de alcançar suas potencialidades. Um dos professores frisou a incompatibilidade da liberdade e da desigualdade social, afirmando que, enquanto esta não for superada, não há como pensar em uma liberdade plena.

De forma quase unânime, também, os entrevistados afirmaram que a liberdade é direito inalienável que deve acompanhar a legalidade, ou seja, ser livre dentro dos limites da lei e, principalmente, através de um aparato legal que garanta essa liberdade e os direitos básicos.

Conclusão

Nesse sentido, pode-se perceber que os professores, de fato, refletem sobre o conceito de liberdade, contudo, não o fazem de forma plena em sala de aula, em razão, principalmente, da falta de prioridade dos conteúdos relacionados à América Latina na educação básica, o que acarreta um planejamento que reserva pouquíssimo tempo às ditaduras do Cone Sul. Assim, o professor se vê obrigado a fazer recortes e generalizações e não consegue trazer as reflexões apresentadas durante as entrevistas para os alunos, ainda que julguem o conceito de liberdade relevante.

Outra percepção que extraímos a partir das conversas é que, dentro dos recortes escolhidos no planejamento e na prática da aula, a experiência chilena, apesar de estar presente nos conteúdos pouco explorados, ainda ganha mais destaque que a Argentina.

²³ PROFESSOR 6, entrevista concedida em 15/09/2023, entrevista número 6, 13 minutos, arquivo mp4. Entrevistadoras Alice Dias, Giovanna Teperino e Maria Eduarda Veras.

Isso demonstra que o caso do neoliberalismo e dos *Chicago Boys* é um tema relevante, tanto para o cenário latino-americano atual, como para os vestibulares, que acabam sendo um dos principais determinantes nos recordes de conteúdo. Foi possível notar como o Chile é abordado de forma específica, enquanto a Argentina não foi citada de forma isolada em nenhuma resposta. É possível presumir, portanto, que o mesmo se dá em sala de aula.

Diante das análises e reflexões apresentadas, torna-se evidente a complexidade do conceito de liberdade, considerando seus múltiplos sentidos e entendimentos, que, como constatamos, variam não só de acordo com o contexto histórico e geopolítico, mas principalmente nos recortes internos dos diferentes grupos sociais.

Por fim, a partir das entrevistas feitas e analisadas, podemos concluir que existe um esforço por partes dos professores em trabalhar o conceito de liberdade - ou os conceitos - porém, as questões já citadas, como falta de prioridade e tempo hábil, limitam o professor a pequenas pinceladas de reflexão que não dão ao debate a profundidade necessária. Isso nos leva a pensar também na prática de liberdade que exercemos diariamente e como ela se apresenta em sala de aula. O conceito de liberdade, portanto, não precisa, necessariamente, ser trabalhado em contextos fechados, podendo ser ensinado durante os afazeres diários. Para isso, devemos pensar de forma crítica os limites das liberdades, como Paulo Freire diz: “Quanto mais criticamente a liberdade assuma o limite necessário tanto mais autoridade tem ela, eticamente falando, para continuar lutando em seu nome.” (FREIRE, 1996, p.103)

Referências

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. 11ª edição. Brasília: Editora UnB, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> . Acesso em: 20. fev. 2024.

CONADEP, Informe. *Desaparecidos, Nunca Más* - Informe CONADEP. Argentina, 1984. Disponível em: <http://www.desaparecidos.org/nuncamas/web/investig/articulo/nuncamas/nmas0001.htm>. Acesso: 18. fev. 2024.

BORGES, Elisa. *O movimento operário no Governo de Salvador Allende (1970-1973): O caso dos Cordones Industriales*. Associação Nacional de História – ANPUH XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. 2007

DAYRELL, Juarez. A escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. In: *Revista Educação Social*, Campinas, vol. 28, n° 100 – especial – pp 1105-1128, out 2007.

DI TELLA, Torquato. *Historia social de la Argentina contemporánea*. Buenos Aires: Troquel, 1998

FIELD JR., Thomas C.; KREPP, Stella; PETTINÀ, Vanni (Org.). *Latin America and the Global Cold War*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2022

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo. Paz e Terra, 1996.

HAYEK, Friedrich August von. *Fundamentos da Liberdade*. São Paulo: Visão, 1983.

JARRA, Victor. *Plegaria a un labrador*. Santiago de Chile: Alerce gravadora: 1969. 3min18s.

LETELIER, Orlando; *The 'Chicago Boys' in Chile: Economic Freedom's Awful Toll*. The Nation. Agosto, 1976.

MOULIAN, Tomás. *Fracturas: De Pedro Aguirre Cerda a Salvador Allende (1938-1973)*. Santiago: LOM Ediciones, 2006.

_____. *Conversación interrumpida con Allende*. Santiago: Universidad ARCIS, 1998, p. 33

NOVARO, Marcos; PALERMO, Vicente. *A ditadura militar argentina 1976-1983: do golpe de Estado à restauração democrática*. São Paulo: Edusp, 2007

QUADRAT, Samantha Viz. *Aparição com vida: as Madres de Plaza de Mayo e a luta por justiça*. Revista Gênero, v. 3, n. 1, 2002.

_____. Operação Condor: o “Mercosul” do terror. *Estudos Ibero-Americanos*, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 167–182, 2002. DOI: 10.15448/1980-864X.2002.1.23793. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/iberoamericana/article/view/23793>. Acesso em: 7 ago. 2024.

WESTAD, Odd Arne. *The Global Cold War: Third World Interventions and the Making of Our Times*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.



Os direitos de licenciamento utilizados pela Revista Histórias Públicas é a licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0)*

Recebido em: 29/02/2024
Aprovado em: 16/08/2024